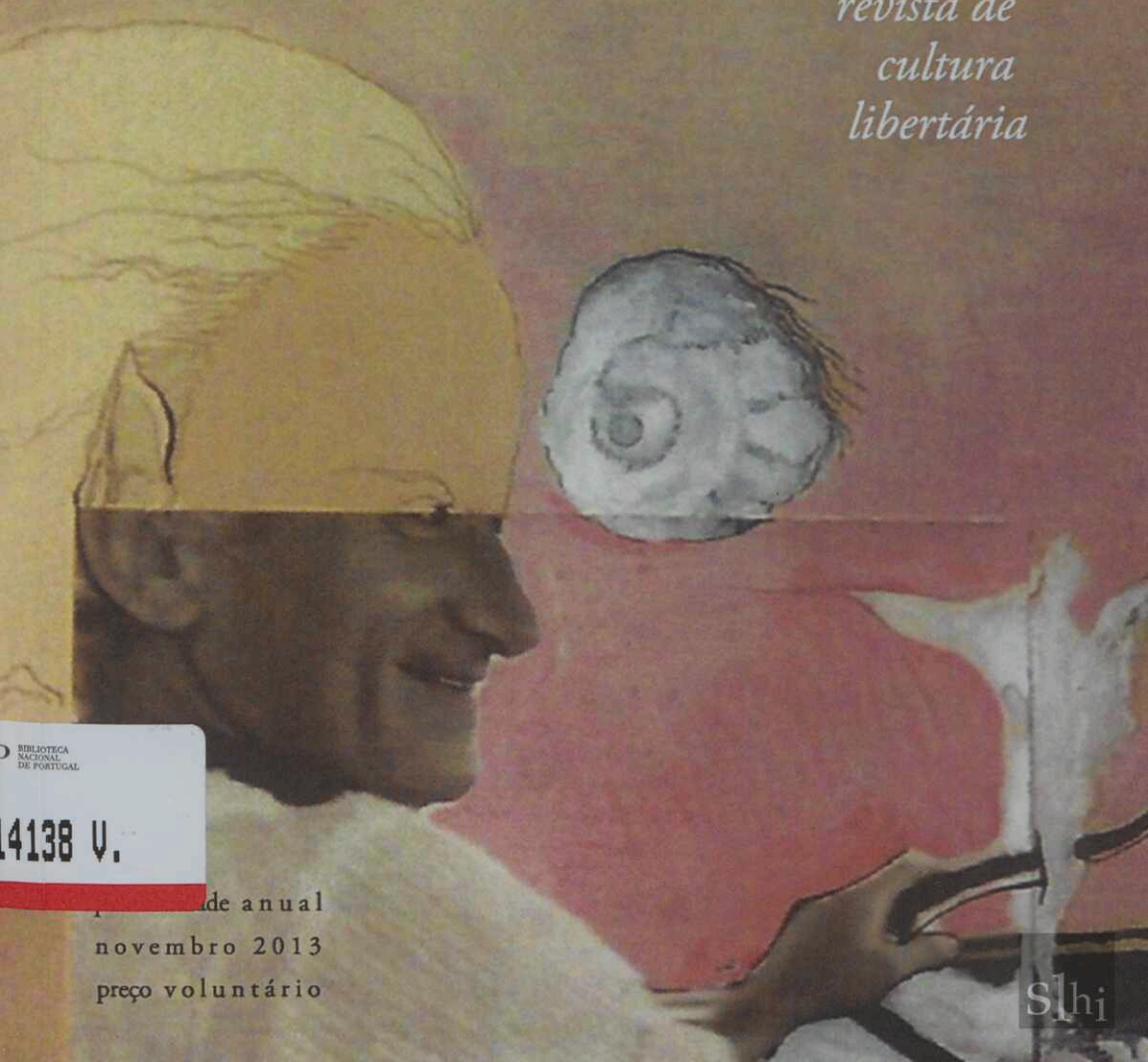


A ID

EIA

71
72

*revista de
cultura
libertária*



BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

4138 V.

de anual
novembro 2013
preço voluntário

Shi

A IDEIA

revista de cultura libertária

fundador e proprietário João Freire
director e editor António Cândido Franco
editor gráfico Luiz Pires dos Reis
redactor-adjunto João Mendes de Sousa

imagens (para este número): Aldina, Almerinda Pereira, Ana Rita, Antonio Sáez Delgado, António Salvado, Aube Breton-Elléouët (contracapa), Bruno Béu, Dominique Labaume, Fundação Cupertino de Miranda, Isabel Castro Henriques (Alfredo Margarido), Lagoa Henriques (herdeiros), Laurens Vancrevel (Brumes Blondes), Manuel Silva-Terra, Mário Cruz, Miguel de Carvalho, Nicolau Saião, Raquel Nobre Guerra e Rui Martinho (espólio de Virgílio Martinho).
capa Mário Botas, *Retrato de Cruzeiro Seixas* (montagem fotográfica, tinta da china e guache s/ papel, 1973, col. Cruzeiro Seixas – Fundação Cupertino de Miranda)
periodicidade anual (número duplo)

endereço rua dr. Celestino David n.º 13-C, 7005-389 Évora, Portugal.

endereço electrónico acvcf@uevora.pt

blogs <http://aideialivre.blogspot.com>; editorallicorne.blogspot.com

depositários Livraria Ler Devagar: rua Rodrigues Faria (Lisboa Factory), 103, Lisboa; Livraria Uni-Verso: rua do Concelho, 13, Setúbal; Editora Licorne: rua Conde de Monsaraz, 2, 7005 Évora.

impressão Guide, artes gráficas, lda.

depósito legal 365900/13

registo do título 104 197

ISSN 0870-6913

A Ideia é uma revista que faz da cultura o seu campo de acção; através da criação poética e artística, da expressão filosófica, da pesquisa social e da investigação histórica procura criar as bases dum espírito livre, criativo e solidário, contributo efectivo para a realização de todos os seres vivos.

Tirando este princípio geral, suficiente porém para lhe dar um propósito de acção, o libertário, e uma família de ideias, o *anarquismo cultural*, a revista não tem plataforma programática – ao menos para já. As colaborações não solicitadas são desejáveis, embora sujeitas a validação; da sua publicação ou não, a revista dará sempre nota ao autor. A responsabilidade dos textos assinados cabe aos autores, respondendo o director pelos não assinados. Não se segue uma norma ortográfica e várias grafias do português podem coexistir.

AS CONDIÇÕES DE EXPEDIÇÃO DA REVISTA ENCONTRAM-SE NA ÚLTIMA PÁGINA.

DESEJA-SE PERMUTA.

PIDESE CANJE.

ON DEMANDE L'ÉCHANGE.

CHIEDESI SCAMBIO.

WE ASK FOR EXCHANGE.

MAN BITTER UM AUSTAUSCH.

Shi

A IDEIA

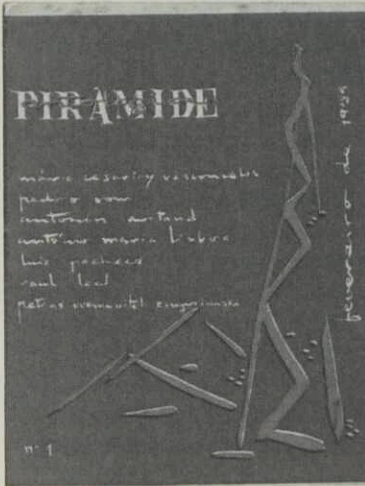
revista de cultura libertária

II série – vol. 16 – n.º 71-72 – Outono de 2013

ÍNDICE	1	Júlio Conrado	
		Mário Henrique Leiria – o Vizinho surreal	89
DECLARAÇÃO	3	Gabriel Rui Silva	
A revista <i>A Ideia</i> em perspectiva	4	Casos de Direito Galático – Mário Henrique Leiria	95
I SURREALISMO EM PORTUGUÊS	13	João Freire	
Mário Cesariny		Mário Botas e Pedro de Sousa	99
Carta a Afonso Cautela	15	José Manuel de Vasconcelos	
Cruzeiro Seixas		Mário Botas e o Surrealismo	101
Carta Inútil e Comunicação quase Automática sobre D. Sebastião.	17	José Maria Carvalho Ferreira	
Alfredo Margarido		Em Memória de Mário Botas	108
Os últimos inéditos	21	Sofia A. Carvalho	
João Rui de Sousa		Leituras do Inferno em Ernesto Sampaio	110
Parafraseando Cesariny	26	Almerinda Pereira	
Albano Martins		Luiz Pacheco – a Vida num Biscate	118
Dívida a Cruzeiro Seixas	28	Claudio Willer	
António Salvado		O Surrealismo no Brasil	126
O Café Gelo e as <i>Folhas de Poesia</i>	31	Paulo Jorge Brito e Abreu	
António de Macedo		Poesia de António Maria Lisboa	135
Lima de Freitas: a surrealidade do Graal	34	Carlos Mota de Oliveira	
Pinharanda Gomes		Carta a Cruzeiro Seixas	138
António Maria Lisboa: uma gnoseologia lógico-poética	49	Pela mão da noite – a Artur Cruzeiro Seixas	140
Afonso Cautela		Pessoa escutou atentamente Cesariny	140
Surrealismo & Surrealistas	57	Manuel Silva-Terra	
Fernando Grade		Poema visual	141
Ao Surrealismo disse tudo	67	Isabel Guimarães	
Nicolau Saião		MA-NIF-EST-SUR-REAL-IN-i !	142
Mário, Ele Próprio e Nós Outros	71	Luiz Pires dos Reis	
Maria Estela Guedes		Da ossóptica guilhotina-err: o próprio dos novos amorosos	143
I. Carlos Eurico da Costa	76	Jorge Telles de Menezes	
II. Herberto Helder – é e não é um poeta surrealista	77	Extensão do Rossio – a António Maria Lisboa	145
Pedro Martins		Amadeu Baptista	
De Telmo a Herberto, os Passos em Volta	80	Cinco Saltos com os Surrealistas	146

CARLOS LOURES, A PIRÂMIDE E O GRUPO SURREALISTA DO CAFÉ GELO

MANUEL G. SIMÕES



A situação contextual que marca sempre a existência e formação do indivíduo é, no caso de Carlos Loures, mais do que pertinente. Nascido no coração de Lisboa, na pessoa da Rua dos Douradores, cresceu deambulando pela baixa pombalina, frequentando as “tertúlias” dos cafés de muitas conversas e projectos de revoluções, até que, na Primavera de 1958, acabaria por ser aceite no que ficou conhecido como grupo do “Café Gelo”, e que ali se reunia diariamente.

Serviu-lhe como cartão de ingresso o poema-manifesto *O Menino que não Saltou a Cancela*, que acabara de publicar (com Máximo Lisboa) naquele ano, opúsculo que reflectia as leituras ávidas de juventude – no caso específico textos de Marx, Sartre ou Breton –, o suficiente para impressionar as exigências de um grupo que era simultaneamente

elitista e permissivo.

Ali pontificava, sem dúvida, Mário Cesariny de Vasconcelos, elemento aglutinador de personalidades tão diversificadas como Luiz Pacheco, Herberto Helder, Raul Leal, Manuel de Castro, António José Forte, Ernesto Sampaio, João Rodrigues, entre outros. Mas a figura de referência, uma espécie de “deus tutelar”, era com certeza António Maria Lisboa, que tinha morrido em 1953, deixando uma obra reduzida mas consensualmente considerada exemplar e paradigmática da chamada primeira geração surrealista. Foi também ali, no âmbito do grupo, que nasceu o projecto de *Pirâmide*, cadernos organizados por Carlos Loures e Máximo Lisboa (n.º 1, Fev.º 1959; n.º 2, Junho 1959; n.º 3, Dezembro 1960), publicação que contribuiu para a divulgação das posições da que viria a ser designada por segunda geração surrealista¹. A este respeito é fundamental o testemunho do próprio Carlos Loures: *nós, os recém-chegados ao grupo, entendemos que era importante que aquela reunião quotidiana de talentos se traduzisse em algo de concreto – uma revista. A ideia foi acolhida com alguma ironia pelos elementos mais parasitários do grupo e com entusiasmo pelos mais valiosos, nomeadamente por Cesariny, que sugeriu o título e que organizou verdadeiramente o primeiro número, o mais ortodoxo dos três que se publicaram*².

¹ Fernando J. B. Martinho, *Tendências Dominantes da Poesia Portuguesa da Década de 50*, Lisboa, Edições Colibri, 1996, p. 79.

² in Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1941-1974)*, vol. II, 1º tomo, Lisboa, Grifo, 1999, p. 46.

O primeiro número da *Pirâmide* foi, portanto, organizado por Mário Cesariny, certamente com o decisivo contributo dos coordenadores, pelo menos no que respeita à parte executiva. Reunia colaboração de autores já consagrados: Mário Cesariny Vasconcelos, Pedro Oom, Antonin Artaud (traduzido por Ernesto Sampaio), Raul Leal, António Maria Lisboa, Luiz Pacheco e Petrus Ivanovitch Zagoriansky (aliás Mário de Sá-Carneiro, como explicitamente se inscreve no final do seu poema). E no pórtico da revista é bem clara a homenagem a António Maria Lisboa, visto que se evidencia a sua colaboração, isto é, o seu manifesto (*Aviso a Tempo por Causa do Tempo*, p. 12), considerado *imperioso, agreste, justo, natural [...] um documento da maior gravidade, dum inacessível figura de herói, hoje colocado na primeira fila da poesia europeia* (n.º 1, "Notícia").

Com o n.º 2 alarga-se a escolha dos autores antologiadados, sem repetições relativamente ao primeiro número: Máximo Lisboa, Herberto Helder, José Carlos González, Sena Camacho, Amadeo de Sousa-Cardoso, Virgílio Martinho, António Pinheiro Guimarães, Saldanha da Gama, Manuel de Castro, António José Forte, José Sebag e D'Assumpção. Carlos Loures colabora com um poema-colagem, género que atravessou todo o movimento surrealista, tendo como fundo um conjunto de corpos esqueléticos (mortos de Auschwitz) e, sobreposto, o texto organizado a partir de recortes de jornal: *Regardez bien/ Chaque nuit/ l'échec du demi-dieu/ sur la route de la lune/ la securité est une/ question de solidarité/ Voilà ce que vous garantit/ La chanson éternelle/ mais surtout/ il est urgent/ Le massacre des innocents/ Télégramme de victoire:/ Squelette entier trouvé* (n.º 2, p. 23). É evidente a ironia deste breve poema, aspecto que, como se sabe, acabaria por ser transversal a todo o movimento.

Quase no final deste número, e na secção "A Pirâmide & a Crítica", Luiz Pacheco refere-se ao primeiro com estas considerações: *Nesse 1º caderno, a Pirâmide fala, com respeito, num Poeta, mas é dum Morto que ela fala; publica, sem medo, um inédito de Raul Leal [...] um perseguido, que só os "malucos do Gelo" se atrevem a homenagear com a polícia à vista* (p. 35). Mas é ainda Carlos Loures quem esclarece como foi organizado este segundo número: *Dadas as vicissitudes de um grupo tão heterogéneo como aquele, onde a intriga representava um papel determinante, o segundo número, surgido em Junho de 1959 (quatro meses depois do primeiro), representava já uma contestação à 'liderança' de Cesariny*³.

E o número 3, que só apareceria em Dezembro de 1960, alarga ainda mais o leque de colaboradores: Máximo Lisboa, Edmundo de Bettencourt, Renato Ribeiro, Alfredo Margarido, Jacques-Henry Lévesque (artigo sobre Alfred Jarry), Rodolfo Alonso, Henrique Lima Freire, Manuel de Castro, Llorenç Vidal e Angel Crespo. A fechar o caderno, Carlos Loures publica o artigo "Aos ladrões de fogo. Poesia, Surrealismo, Controle", título inspirado em Arthur Rimbaud, citado na epígrafe: *Donc le poète est vraiment voleur de feu*. O texto assume um carácter de manifesto contra os poetas distraídos da nossa república das letras: *viciados no ópio da intriga literária, vamos encontrar grande maioria dos poetas [...] No absurdo palco da nossa arte actual, o espectáculo passa-se ao nível da mais reles opereta* (p.51). Não são esquecidos alguns ataques feitos quer aos surrealistas, quer ao Surrealismo: *Confundindo precipitadamente delírio com anarquia mental, revolta com excentricidade, pureza e renúncia com depravação moral, o Surrealismo é por estes*

³ Idem, *ibidem*.

senhores comodamente classificado como irresponsável cabotinismo (p. 51). E termina com o incitamento aos “verdadeiros” poetas, outros tantos seguidores de Prometeu na construção duma utopia julgada possível e numa perspectiva que sublinha a questão de fundo, isto é, a problemática social e os direitos devidos à Humanidade: *Aos Poetas, detentores da mágica chave do Futuro, ladrões do sagrado fogo da Verdade, pede-se a implantação duma urgente antropolatria que possibilite um respeito absoluto pela integridade e pela dignidade do homem, e a satisfação das suas imanentes solicitações: o Amor, o Desejo, a Liberdade* (p. 52).

Com este artigo termina a aventura da *Pirâmide*, ainda que aqui se anuncie um próximo número com a colaboração de Maria Helena Vieira da Silva, Maria Rosa Colaço, Natália Correia, António José Forte, José Manuel Simões e Isidore Ducasse (Comte de Lautréamont), o que não veio a verificar-se, como se sabe. E num outro lugar, Carlos Loures viria a esclarecer alguns aspectos que se prendem com a organização deste terceiro número, esclarecimentos que atestam, já então, algum distanciamento, por parte dos dois organizadores, e uma certa tensão entre os membros do grupo, como se depreende do seu testemunho explícito: *O número 3, publicado em Dezembro de 1960, estava já quase totalmente esvaziado do inicial conteúdo surrealizante. É, no entanto, o mais autêntico, pois é o único em que ninguém nos ‘segurou a mão’. Aliás, foi já realizado fora do grupo do Gelo, com gente que parava uns metros adiante, no Café Restauração*⁴.

Alguns anos mais tarde, mais precisamente em 1966, explodiu uma polémica entre Carlos Loures e Mário Cesariny de Vasconcelos nas páginas do *Jornal de Letras e Artes*, de Azevedo Martins. Tudo começou com a publicação, neste jornal, de quatro artigos de Carlos Loures, escritos quatro anos antes, e enviados a este semanário três anos atrás, sem que a redacção do jornal desse mostras de os querer publicar. Ora aconteceu que, sob o título “Demónios do absurdo”, e sempre com o relevo conferido pela 1.ª página, surgiu em 5-1-1966 o primeiro artigo, abordando aspectos gerais do Surrealismo, a que se seguiram os artigos dedicados a Isidore Ducasse – Comte de Lautréamont (12/1/1966), a Jean Arthur Rimbaud (26/1/1966) e a Alfred Jarry (2/2/1966).

Surpreendido com a publicação imprevista e como, nesse espaço de tempo, as opiniões do Autor, relativamente ao movimento surrealista, se tinham modificado integralmente, Carlos Loures envia uma nota ao jornal, publicada com o mesmo título (“Demónios do absurdo”) em 9-2-1966, onde, entre outras considerações e a título de esclarecimento aos leitores, afirma: *o surrealismo, que em 1921 era poesia activa, é hoje, apenas, poesia estética; não estará ultrapassado, mas está certamente superado, transcendido por uma época onde já não faz sentido fora dos manuais de literatura*⁵. Não cancela a sua aventura surrealista, contextualiza-a em função da sua própria formação, deixando bem explícito que *de modo algum, me sinto*



Carlos Loures

⁴ Idem, *ibidem*.

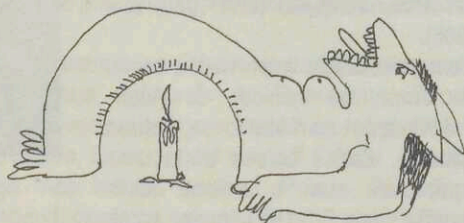
⁵ *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, ano V, nº. 228, 9/2/1966, p. 2.

envergonhado em relação ao trabalho que o Jornal de Letras e Artes está a publicar – foi feito com amor e, sobretudo, com sinceridade, reflectindo a minha ‘verdade’ da época em que o escrevi⁶.

É então que intervém Mário Cesariny nas páginas do mesmo jornal (“Nota sobre a nota de Carlos Loures”) em 2-3-1966. Confessa ter lido os artigos e a nota de Carlos Loures com prazer e espanto: o prazer derivava do facto de o autor dos artigos ter feito um trabalho que coincidia com “a letra de um estudo” que o próprio Cesariny pensava fazer há muitos anos; o espanto por concluir que em Portugal, a adesão das pessoas ao surrealismo, ou mesmo só a alguns dos seus princípios, é muito raro aguentar mais de três anos. *Faça-se a conta: Alexandre O’Neill, três anos (1947 até à publicação do Tempo de Fantasmas, onde abjura com gana). Mário Leiria, três anos. Vida pública do G. S. L., um ano. Eurico da Costa, três anos. Risques Pereira, três anos*⁷.

É claro que Mário Cesariny – sete anos depois da experiência de *Pirâmide*, cujo projecto louva como revista aberta aos surrealistas, e sem mais contactos com Carlos Loures – não acompanhou a sua evolução cultural e ideológica e por isso manifesta a sua desilusão. Pensando identificar a nova posição do autor dos artigos com a problemática do neo-realismo, aproveita então para “arrumar” este movimento, utilizando – é bem que se diga – alguns lugares comuns que se tornaram autênticos estereótipos, sem uma análise específica e válida como apoio da sua argumentação.

A polémica entre os dois conclui-se com a resposta de Carlos Loures (“A propósito da nota de Mário Cesariny”), publicada ainda no *Jornal de Letras e Artes* de 9-3-1966, onde confirma o seu juízo crítico relativamente ao surrealismo, cuja dinâmica e energia criativa, segundo ele, não representava o ‘prolongamento’ intelectual de uma acção instalada no seio da vida colectiva⁸. Na sua nota ao jornal, perante a surpresa da publicação dos artigos, pretendia apenas esclarecer os leitores sobre o desajustamento existente entre a minha actual posição ideológica e um texto que, escrito há quatro anos e só agora publicado, veio ressuscitar um tempo retrospectivo da minha evolução cultural⁹, justificando, deste modo, o seu afastamento do movimento surrealista.



espólio Virgílio Martinho (desenho inédito — Aldina?)

⁶ Idem, *ibidem*.

⁷ Idem, ano V, n.º. 231, 2/3/1966, p. 1.

⁸ Idem, ano V, n.º.232, 9/3/1966, p. 9.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 1.